

Conto 18- À redescoberta das ilhas de Bruma- 2º Lugar

Numa tarde de verão, em São Jorge, três amigos, estavam a passar a tarde no parque da Silveira, na Calheta.

Os jovens, admirando a paisagem, repararam numa árvore, muito distinta de todas as restantes. Parecia metalizada ou algo semelhante. Curiosos como sempre, foram investigar. Ao se aproximarem da árvore, repararam numa pequena e quase imperceptível porta, a qual dava acesso a uma pequena gruta no seu interior. Lá dentro encontraram uma cápsula do tempo. Apaixonados pela história dos Açores, não hesitaram e decidiram viajar no tempo até à época em que os portugueses exploravam o Oceano Atlântico e Diogo inseriu as datas pretendidas na máquina. Sem saberem bem como, encarnaram os verdadeiros descobridores dos Açores, vestiam casacos de veludo decorados com discretos bordões metálicos e sapatos de couro. Tinham barbas grandes e pele queimada do sol e do sal.

Diogo, no corpo de Diogo de Silves, viajou até 1427, Gonçalo, no corpo de Gonçalo Velho Cabral, até 1431, e o João, no corpo de João de Teive viajou até 1452.

Numa bela tarde de segunda-feira, acordou Diogo, em Lisboa, com um grande alvoroço em seu redor. Estava num cais, em Belém, onde se encontravam muitos marinheiros portugueses, em preparativos para seguirem viagem. Na manhã seguinte, toda a tripulação partiu para o meio do oceano. A embarcação onde seguiam estava cheia de alimentos, instrumentos de navegação e vários barris com água. Esta era feita com madeira de carvalho e apresentava grandes e imponentes velas, decoradas com uma gigante e vermelha Cruz de Cristo, como símbolo da fé. Durante a viagem, Diogo experienciou o medo, a ansiedade e a coragem que os navegadores portugueses possuíam. Não tinham cartas náuticas e os instrumentos eram rudimentares. O medo de se perderem, de nunca mais avistarem terra, era uma sombra constante, mas no meio desta incerteza, avistam, em júbilo, as ilhas açorianas.

Em 1431 estava Gonçalo, vestindo um casaco azul-marinho, com botões dourados e com umas botas pretas, já no meio do oceano navegava, em direção a São Miguel. Ao chegarem àquela ilha, repararam na beleza natural das suas paisagens e atracaram. Cada marinheiro seguiu um rumo diferente em exploração pela ilha. Gonçalo, no cimo de uma colina avistou uma enorme cratera e de lá avistando Pedro, um bravo nauta, de lindos olhos verdes, cabelo da cor de um corvo, robusto e destemido, seguiu na direção oposta. Ao pôr do sol o reencontro nos navegadores seria na enseada. Todos marcaram presença, mas já o sol desaparecia e Pedro

não chegava. Partiram à sua procura. Ao avistarem do cimo da enorme cratera ficaram surpreendidos, pois agora ali estavam duas enormes lagoas, uma verde e outra azul. Encontraram Pedro, desolado e a chorar. Perceberam que aquelas águas esverdeadas eram as suas lágrimas. E a lagoa azul? O marinheiro, já de volta às naus, contou que tinha encontrado uma bela ninfa de olhos azuis com quem tinha passado um lindo dia. Condenados a não ficarem juntos, a ninfa partiu, destroçada, por ordem de Vénus, formando assim a lagoa azul.

Já em 1452, João, avistava terra. Os navegadores observaram a sombra de duas ilhas. Uma delas parecia estar manchada de azul, e ao aproximarem-se da ilha, observaram várias hortênsias azuis e roxas. Seguiram em frente, mas chamaram-na de Ilha das Flores. A outra ilha era muito pequena e apresentava uma cor escura. Ficaram curiosos e chegaram ao Corvo, indo assim explorá-lo. No cimo da encosta vislumbraram uma rocha que se assemelhava a um índio. A neblina intensificava-se e do nada ouviram uma voz. Aproximaram-se e o vulto de um índio apareceu no meio do nevoeiro. Este apresentou-se e disse que era o índio que um dia se havia apaixonado por uma linda corvina, mas impedidos de viver este amor, lutara, sem sucesso, contra os habitantes da ilha, que a haviam aprisionado. Os navegadores comovidos com a sua história ofereceram-se para o ajudar a encontrá-la. Desceram até à Vila, onde a tinham aprisionado. Procuraram em todos os seus cantos e finalmente encontraram-na, presa numa torre, sozinha e deprimida. Esta, ao ouvir a voz do índio, começou a dar pancadas numa porta para tentar chamar a sua atenção. O índio mais os seus ajudantes, escalaram a torre, onde esta permanecia há anos, e conseguiram retirá-la de lá. Os dois apaixonados, finalmente juntos, escaparam da ilha do Corvo, no navio português, e seguiram em viagem. Para onde? Não sabiam, mas sabiam que pelo menos assim, iriam viver unidos para sempre.

Em São Jorge, já no parque da Silveira, o sol se punha, e os três jovens encontravam-se juntos, deitados na relva fresca a olhar o céu.

Entreolharam-se perplexos, sem saber bem onde estavam. Voltaram a procurar a árvore, pois queriam voltar a ver a da cápsula do tempo, mas não havia sinal de nada semelhante.

Contaram as suas aventuras uns aos outros. Ao terem viajado até à altura em que os portugueses navegavam pelo oceano Atlântico, ficaram a conhecer o modo como estes viajavam e as dificuldades que passaram. Desvendaram alguns dos mistérios da época, dos quais a população só conhece uma parte... a que vem nos livros de História.